

A HIERARQUIZAÇÃO RELIGIOSA NO ESPAÇO URBANO – O CASO DAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS¹

Léo Carrer Nogueira

Doutorando em História pela Universidade Federal de Goiás, Professor de História da Universidade Estadual de Goiás, Unidade de Porangatu – Goiás – Brasil.

leocarrer@yahoo.com.br

Resumo

O processo histórico que deu origem às Religiões Afro-Brasileiras é longo e tortuoso. Ao longo dos séculos, as práticas dos africanos trazidos como escravos foram se misturando com as práticas católicas e indígenas, dando origem a um quadro religioso bastante rico e diversificado. Resultado deste processo de hibridação, as Religiões Afro-Brasileiras hoje são uma realidade no cenário religioso brasileiro em várias capitais do país. Mas na maioria dos casos os templos destas religiões são marginalizados nas territorialidades existentes no espaço urbano. Muitas vezes, em função do poder ou de um discurso ideológico, alguns territórios ficam qualificados na perspectiva de domínio singular, refutando a presença de outros credos. E como as religiões cristãs são as religiões dominantes no Brasil, acabam ofuscando e obrigando outras práticas religiosas a se camuflarem e se marginalizarem dentro do espaço urbano. Nosso estudo tem como objetivo analisar um caso específico desta disputa por territórios protagonizada pelas religiões cristãs e afro-brasileiras. Trata-se de um fenômeno ocorrido em 2003 na cidade de Goiânia, Brasil, em que milhares de evangélicos fizeram manifestações de protesto contra uma exposição de estátuas de Orixás, promovida pelo governo local, em um parque da cidade. Tais manifestações demonstram todo o discurso ideológico quanto à utilização do espaço urbano promovido pelas religiões cristãs. Como metodologia utilizamos a análise dos inúmeros discursos religiosos enunciados na ocasião, a saber: dos líderes religiosos, membros de denominações evangélicas, que iniciaram o movimento contra a exposição, assim como os discursos de outros religiosos, como católicos, espíritas e membros das religiões afro-brasileiras. Como fontes de tais discursos utilizamos principalmente os jornais da época que noticiaram os fatos e publicaram entrevistas e opiniões destes inúmeros personagens.

Palavras-Chave: Religiões Afro-Brasileiras, Orixás, Territorialidades, Marginalização.

¹ Este artigo apresenta resultados do projeto de pesquisa “Religiões e religiosidades na região norte de Goiás”, aprovado pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), executado em 2012; e do projeto de doutorado “A construção do imaginário sobre a Quimbanda na cidade de Goiânia”, aprovado em 2012 pela Universidade Federal de Goiás (UFG).

Introdução

Os conflitos entre religiões cristãs e outras denominações religiosas tem sido uma constante ao longo da história da humanidade. Tais conflitos marcaram profundamente a história das inúmeras religiões Afro-Brasileiras, que se desenvolveram no Brasil a partir dos contatos entre as práticas religiosas dos africanos escravizados, grupos indígenas, e do catolicismo português, e continuam ainda hoje a tomar corpo e forma no discurso de algumas denominações pentecostais e neopentecostais.

Ao nos voltarmos para as relações entre estas religiões hoje, percebemos que a relação hierárquica que permeou a história destas religiões se mantém na configuração espacial que elas adotam no meio urbano. A ocupação do território por parte dos templos religiosos acontece de acordo com a aceitação social que determinada prática religiosa tem mediante a sociedade, e através de uma negociação entre as diferentes religiões.

Percebemos isto ao voltarmos nossos olhos para os templos de cada religião. Enquanto as religiões cristãs procuram demarcar sua territorialidade através dos símbolos e elementos referentes à sua prática religiosa no exterior de seu templo, os templos das religiões afro-brasileiras muitas vezes tendem a se camuflar, não apresentando em sua fachada os símbolos religiosos pertinentes à sua crença.

Como exemplo, cita-se a presença de um templo católico com seus signos, tais como sinos, cruzeiros e vestimentas, ritualísticas personificadas nos padres e freiras, diferenciando-os das territorialidades evangélicas, onde esses signos mudam no afã de visibilizar e demarcar aquela territorialidade (MELLO, 2006, p. 18-19).

A formação das territorialidades é inerente à formação do próprio espaço urbano. Ela se definiria como o local onde um determinado grupo exerce seu poder. Como afirma Mello (2006):

Ao se perceber a constituição do território, torna-se relevante e de grande importância destacar a territorialidade como fator de análise ao entendimento dos grupos sociais. Por territorialidade, entende-se as áreas de um território em que há o domínio de um grupo específico. Ao citar a cidade como exemplo, percebe-se que esse espaço é configurado por um conjunto de territorialidades que se estende desde áreas particulares às de domínio público (MELLO, 2006, p. 18).

Portanto, as territorialidades abrangem diversos aspectos de uma sociedade: político, econômico, cultural e também religioso. A constituição das territorialidades religiosas podem ser melhor percebidas quando voltamos nosso olhar para as chamadas hierópolis, ou seja, cidades que organizam seu espaço em torno da religião, como por exemplo, as cidades brasileiras de Aparecida do Norte (São Paulo) e Trindade (Goiás). Em tais cidades, a presença de uma religião dominante historicamente constituída faz com que outras práticas religiosas sejam de certa forma invisibilizadas. Porém não é só nas hierópolis que isto acontece, como define Mello (2006):

No tratamento teórico da questão, se percebe que a força de uma religião sobre outra no mesmo território, possibilita identificar a existência de cidades que não se caracterizam no perfil de uma hierópolis, no entanto, em função de ideologias político-religiosas se firmam diuturnamente, inibindo ou invisibilizando outros credos não aceitos como religião (MELLO, 2006, p. 20).

Este é precisamente o conceito das territorialidades sagradas, ou seja, locais onde se faz presente o exercício do poder de uma determinada prática religiosa, rechaçando assim a presença de outras práticas. Segundo Gil Filho (2008):

A territorialidade do sagrado, em primeira instância, seria a percepção das limitações imperativas do controle e da gestão de determinado espaço sagrado por parte de uma instituição religiosa (GIL FILHO, 2008, p. 111).

Ao se definir uma territorialidade sagrada, a religião busca se afirmar a partir dos símbolos sagrados e de um discurso ideológico-religioso. No Brasil, como as religiões cristãs são maioria ainda, segundo os próprios dados do IBGE², é possível perceber que elas procuram exercer certo domínio em relação às outras práticas religiosas, principalmente por parte das religiões neopentecostais.

Um exemplo de cidade na qual percebemos esta territorialidade do sagrado é a cidade de Goiânia, capital do estado de Goiás, localizado no interior do Brasil. A cidade foi construída em 1933 para ser a nova capital do estado e em 1937 houve a transferência da antiga capital Vila Boa (hoje denominada Cidade de Goiás) para a nova capital planejada, Goiânia.

No planejamento urbano de Goiânia, como no de outras cidades do período, percebemos a marca da hierarquia religiosa da época. Isto porque, segundo o primeiro

² Os dados podem ser consultados no site do IBGE, a partir do endereço ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_Deficiencia/tab_1_4.pdf. Acessado em 11/02/2013.

plano diretor de Goiânia, elaborado por Atílio Correia Lima e Armando Godoy entre os anos de 1933 e 1935, dentre os espaços religiosos só havia lugares destinados a templos católicos, sendo a principal delas a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, na então cidade de Campinas. Não havia qualquer outra menção a templos de religiões não católicas, porém isto não significa que elas não existiam.

É o caso do Espiritismo, religião de origem francesa que chega ao Brasil no século XIX e já contava com adeptos no interior do estado neste período. No entanto, na distribuição do espaço destinado as religiões na nova capital, somente a religião oficial é levada em consideração, configurando-se assim a visão do Estado sobre elas.

Ao longo de sua constituição, a cidade recebeu o afluxo de diversas denominações religiosas, e se tornou uma capital bastante cosmopolita. No entanto, o discurso religioso das religiões cristãs, de certa forma, ainda é dominante. Se no início a religião católica se fez afirmar a partir da ocupação do espaço, atualmente são as religiões neopentecostais as que mais buscam ocupar os espaços públicos, impedindo que outras religiões as quais são contrárias o façam, como por exemplo as religiões afro-brasileiras.

Tal fato ficou bem claro em um episódio ocorrido na cidade de Goiânia, no ano de 2003, denotando claramente a disputa pelo uso do espaço público entre as religiões afro-brasileiras e as religiões neopentecostais. Mas antes de passarmos à análise deste episódio, convém analisarmos um pouco do discurso religioso que sustenta a visão neopentecostal.

O Discurso das religiões Neopentecostais

Durante os séculos que precederam à organização dos cultos Afro-Brasileiros, o poder da Igreja Católica se fez notar através da figura da Inquisição. Esta fazia questão de reafirmar os dogmas católicos perseguindo e condenando à fogueira e ao enforcamento os praticantes de outras fé's, consideradas hereges e demoníacas. Este discurso permaneceu presente no imaginário católico mesmo após o fim da Inquisição, e marcou a história das religiosidades Afro-Brasileiras de forma cabal.

No caso específico da Umbanda, religião afro-brasileira que surge a partir da mistura de elementos católicos, africanos e indígenas, são conhecidos dos estudiosos

desta religião os casos de perseguição a ela, efetuada pela Igreja Católica durante os anos de 1950. Sobre isto, Isaia esclarece que

no afã de recobrar uma posição de comodidade no mercado religioso, o discurso católico dos anos 1950 voltava-se contra a Umbanda, religião que se mostrava como essencialmente subversora da representação de um Brasil católico, ao projetar a imagem de uma religião tipicamente nacional (ISAIA, S/D, p. 4).

Fica claro que a Umbanda ameaçava o *status quo* pertencente à religião católica, ao se espalhar pelos meios populares reivindicando a posição de “verdadeira religião brasileira”, daí sofrer a oposição e perseguição ferrenha da Igreja Católica. Neste aspecto, aliás, não era só a Umbanda a sofrer com esta perseguição, mas toda a gama de religiões tidas como de possessão³, como o espiritismo kardecista e o Candomblé, todos encarados como galhos da mesma árvore.

A figura de Exu, uma das divindades cultuadas nesta religião, de origem Africana, e que é associada pela ideologia cristã ao demônio, é recorrente neste discurso católico. Na fala do arcebispo de Porto Alegre, Dom Vicente Scherer, por exemplo, “a Umbanda se distingue pela pretensa evocação dos espíritos e pelo culto do demônio, que chamam de Exu” (“Hospital”, 46(3), p. 192 *apud* ISAIA, S/D, p. 9). A associação de Exu ao demônio é sempre evocada nestes discursos como forma de desclassificar e rotular a Umbanda como demoníaca, denotando assim seu atraso, barbárie e selvageria.

Este tipo de discurso permaneceu no imaginário popular brasileiro, e atualmente é reforçado por alguns segmentos neopentecostais. Um dos mais significativos destes é o da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que combate não só as religiões Afro-Brasileiras, como todo um conjunto de religiões e seitas mediúnicas, orientais, mágicas e esotéricas. Em sua obra *Orixás, Caboclos e Guias – deuses ou demônios*, o bispo Edir Macedo (2004), fundador da IURD, revela a “verdade” por detrás de “seitas como vodu, macumba, quimbanda, candomblé e umbanda, (nas quais) os demônios são adorados”, e continua, afirmando que também no “espiritismo mais sofisticado (kardecista), eles se manifestam mentindo, afirmando serem espíritos de pessoas que já morreram” (MACEDO, 2004, p. 14).

³ O conceito de religiões de possessão diz respeito a um fenômeno recorrente nestes tipos de religiosidades: a possessão mediúnic, ou transe mediúnico, quando se dá a intermediação entre os homens e os espíritos dos mortos. Neste quadro se encaixam diversos tipos de religiosidades, sendo os mais conhecidos no Brasil a Umbanda, o Candomblé e o Espiritismo Kardecista.

Todas estas religiosidades são tratadas uniformemente como adoradoras do diabo. Exu aqui aparece como um demônio divinizado e adorado por seus fiéis nos rituais da Quimbanda, outra forma de culto dentro da Umbanda:

Na quimbanda, os deuses (demônios) são os exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou marido de alguém, obter favores por meios ilícitos, etc. (MACEDO, 2004, p. 15).

Cada Exu ou demônio, como Macedo os concebe, tem uma área de atuação. Assim, Macedo coloca que

peças viciadas em tóxicos, bebidas alcoólicas, cigarros ou jogo, na maioria dos casos, o responsável é o exu "Zé pelintra" ou "malandrinho". (...) Prostitutas, homossexuais e lésbicas sempre são possuídos por pombagiras. (...) No caso em que as pessoas estão perdendo tudo o que tem e caindo em desgraça, por trás estão demônios chamados "exu do lodo", "da vala." (MACEDO, 2004, p. 47).

O remédio contra estes males causados pelos demônios pode ser encontrado na própria Igreja Universal. Somente ela está autorizada a expulsar estes demônios e a proteger seus fiéis deles. Macedo conta em seu livro inúmeros exemplos de ex-pais-de-santo, mães de santo e praticantes de toda sorte de "macumbarias" e "feitiçarias", que após entrarem para a IURD descobriram que seus guias na verdade eram demônios que os manipulavam, e assim conseguiram a salvação através da Igreja. Isto legitima o papel atribuído à IURD de salvar seus fiéis da opressão demoníaca, identificada nas religiões Afro-Brasileiras:

O bispo Macedo propõe como uma síntese de sua "pregação plena" o que é bem pentecostal e fundamentalista: Jesus Cristo salva; é preciso ser batizado no Espírito Santo e a libertação pelo exorcismo das pessoas que estão oprimidas pelo diabo, para ele, associado à Umbanda e Candomblé (FRESTON, S/D, p. 135-137, *apud* ORO, 1996, p. 129).

Percebemos assim, que grande parte do discurso da IURD está baseado na negação e demonização do "outro", aqui representado pelas religiões mediúnicas, especialmente as Afro-Brasileiras, ou seja, o Candomblé e a Umbanda. Esta postura, segundo Ivo Pedro Oro, vem da certeza dos fiéis da IURD em possuírem a "verdade" absoluta, contida na Bíblia:

Os outros, a grande maioria, são apóstatas, moralmente pervertidos, arrastados pelo mundo. Enquanto o “nós” (fundamentalistas) constitui o resto fiel aos princípios fundamentais e imutáveis (contidos na Bíblia.). (...) Os *outros*, que não estão no caminho da salvação e (não) aderem à verdade, são o inimigo. (...) Aqueles inimigos são demonizados. Não estão com a verdade. Estão sendo seduzidos e guiados pelo demônio. E como Satanás está solto, é preciso lutar e combater (ORO, 1996, p. 128).

Assim, o discurso do bispo Macedo dá continuidade a séculos e séculos de perseguição e demonização por parte dos segmentos religiosos cristãos às diversas formas de religiosidades Afro-Brasileiras, especialmente a Umbanda, e perpetua a imagem demoníaca dos orixás e guias afro-brasileiros, especialmente da figura do Exu.

A Expansão do Neopentecostalismo em Goiás

Nos últimos vinte anos, as religiões neopentecostais vêm tomando um espaço cada vez maior na sociedade. O número de adeptos do neopentecostalismo em todo o país cresceu a cada censo do IBGE, como demonstra a tabela a seguir:

Tabela 1 – Mudanças no quadro religioso brasileiro de 1980 a 2010 (em %)

| | 1980 | 1991 | 2000 | 2010 |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Católicos | 89,2 | 83,3 | 73,7 | 64,6 |
| Evangélicos | 6,6 | 9,0 | 15,4 | 22,2 |
| Espíritas | 0,7 | 1,1 | 1,4 | 2,0 |
| Afro-Brasileiros | 0,57 | 0,44 | 0,34 | 0,30 |

Fonte: IBGE (1980), (1991), (2000), (2010).

Analisando a tabela acima, percebemos que enquanto o número de adeptos das religiões evangélicas cresceu consideravelmente, o das religiões afro-brasileiras, que já não era grande, diminuiu ainda mais. De 0,57% da população brasileira que se diziam adeptos destas religiões em 1980, este número caiu para 0,44% em 1991 e apenas 0,30% no último censo em 2010. Em Goiás estes números são ainda menores, apenas 0,07% da população goiana se declarou como umbandista no último censo, ou seja, abaixo da média nacional, enquanto que a média de evangélicos em nosso estado é

maior do que a média nacional: 25,03% em Goiás contra 22,2% em todo o Brasil, conforme a tabela a seguir:

Tabela 2: Quadro das Religiões, Brasil e Goiás – 2010.

| Em Goiás | % | No Brasil | % |
|----------------------------|-------------|----------------------------|-------------|
| Católica | 65,42 | Católica | 64,6 |
| Evangélica | 25,03 | Evangélica | 22,2 |
| Espírita | 2,72 | Espírita | 2,0 |
| Umbanda e Candomblé | 0,07 | Umbanda e Candomblé | 0,30 |

Fonte: IBGE, (2010). Grifo nosso.

Não sabemos até que ponto o crescimento das religiões evangélicas pôde influenciar na diminuição dos adeptos dos cultos afro-brasileiros. O mais importante, porém, é que com o crescimento das igrejas neopentecostais, que adotam uma postura mais combativa em relação às religiões afro-brasileiras, cresceram os casos de conflitos entre estas duas religiões. Segundo Lísias Negrão, em São Paulo estes conflitos se intensificam a partir da década de 80, principalmente devido ao crescimento da IURD, quando a Umbanda volta

a ser objeto de perseguição religiosa, agora por parte de grupos pentecostais, especialmente da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), que hostilizavam umbandistas, chegando a mantê-los em cárcere privado para que se convertessem a Cristo, invadiam terreiros e os acusavam de pertencerem ao demônio através de seus programas radiofônicos (NEGRÃO, 1996, p. 141).

Em Goiás tais perseguições ainda estão na memória dos mais velhos praticantes da Umbanda e do Candomblé, como cita o Sr. Luís Salles em entrevista:

Vou dar um exemplo. Uma Casa que nós tínhamos hoje, na nova esperança, do Caboclo Ubirajara, na década de noventa e dois, eles tiveram a petulância de invadir a residência, que lá tinha a residência de nossa irmã, (...) eles invadiram lá, da irmã Rosa, invadiram dizendo que o poder de Deus ia santificar aquela casa e jogaram sal dentro da casa dela, quebraram o altar dela. (...) esse pessoal a gente não tem, assim, muita o quê que eles pensam, né, eles tomam atitudes de momentos, dependendo do pastor deles. Isso tá muito sob a influência do pastor, né, cê ta entendendo?! Então quê que acontece... então eles pegam e

vão, de vez em quando nós estamos vendo aí alguma coisa, eles vão na porta, ora. Nós estamos com o exemplo de uma casa aqui no Jardim das Oliveiras. Tem duas Igrejas porta a porta com ela, é da nossa irmã Maria Nedica, de vez em quando os confrontos tão lá⁴.

Os confrontos entre neopentecostais e adeptos das religiões afro-brasileiras há algum tempo vêm sendo amplamente divulgados pela mídia, e na última década têm sido objeto de estudo de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento dentro da academia. A base dos confrontos destes dois grupos religiosos está na associação das religiões afro à ação do demônio, feita por parte dos grupos evangélicos. Segundo Ramos (2007), todo evangélico está inserido em uma “batalha espiritual”, na qual

as forças cósmicas do bem e do mal combatem incansavelmente pela posse das almas humanas. (...) Os evangélicos, tomando a Bíblia como referência e interpretando seu texto a partir das matrizes protestantes de leitura colocam-se em combate. (...) Seu propósito: convencer o maior número possível de pessoas a se afastarem das “forças do mal”. (...) Os evangélicos possuem a responsabilidade de garantir que o mal não triunfe totalmente na esfera espiritual (RAMOS, 2007, p. 57).

Portanto, a ação de algumas das igrejas neopentecostais, em especial a IURD, tem como ponto de partida uma “teologia assentada na ideia de que a causa de grande parte dos males deste mundo pode ser atribuída à presença do demônio, que geralmente é associado aos deuses de outras denominações religiosas” (SILVA, 2007-b, p. 11). As religiões afro-brasileiras são alvos privilegiados destes ataques. Os preconceitos a que estiveram associadas estas religiões ao longo de sua história são reforçados e ampliados por programas de TV e discursos de pastores com o objetivo de desqualificar os símbolos do panteão afro.

Munidos desta visão demoníaca dos cultos afros, e embasados pelo seu “dever espiritual” de combate ao mal,

em obediência ao líder eclesiástico, pastores, obreiros e fiéis partiram para a ofensiva. Saíram das trincheiras e puseram a artilharia das tropas do Senhor dos Exércitos para atacar os supostos representantes terrenos do diabo. Como resultado disso, relatos de imprensa mencionam a ocorrência, nas duas últimas décadas, de casos, ainda que em pequeno número, de invasões de centros e

⁴ Entrevista com Sr. Luís Fernandes Salles e Elmo Rocha, realizada em 16/11/06 por Eliesse Scaramal.

terreiros, de imposições forçadas da Bíblia, de agressões físicas a adeptos dos cultos afro-brasileiros e espíritas e até de prática de cárcere privado (MARIANO, 2007, p. 137).

Em Goiás não poderia ser diferente. A intolerância e perseguição aos cultos afros causaram um impacto fulminante no número de fiéis destas religiões, desde a década de 1980. Enquanto os cultos neopentecostais crescem em proporções assustadoras (100% de crescimento da década de 90 para 2000), os cultos afro diminuem consideravelmente. E em Goiás este quadro é ainda pior, como demonstram os números do último Censo (2010), que apontam Goiás com um número de adeptos das religiões afro abaixo da média nacional.

O ápice desta perseguição, e que deixou bem claro a força da comunidade evangélica na capital goiana foi o “Episódio Vaca-Brava”, ocorrido em novembro de 2003. O episódio foi analisado por Ramos (2007), cuja obra recorreremos, principalmente, para narrar e estudar este importante capítulo da história das religiões afro-brasileiras de Goiânia.

O “Episódio Vaca-Brava” (2003)

Tudo começou no dia 19 de novembro de 2003, véspera do dia da consciência negra. Pouco mais de quinhentas pessoas presenciaram uma manifestação digna de uma verdadeira “guerra espiritual” no Parque Vaca Brava, importante ponto turístico da capital goiana, localizado em área nobre da cidade. A manifestação era por causa de oito estátuas, cada uma com aproximadamente sete metros de altura, expostas no meio do lago do parque, e que representavam oito Orixás do panteão de divindades afro, a saber, Oxalá, Ogum, Xangô, Oxum, Iansã, Iemanjá, Nanã e Logunedé.

Segundo notícia publicada no jornal *Diário da Manhã* do dia seguinte:

O Parque Vaca Brava foi palco de manifestações e brigas entre evangélicos, católicos e representantes da cultura negra ontem à tarde. As discussões tiveram início com religiosos de várias igrejas que se reuniram no local para manifestar contra as estátuas de orixás colocadas no lago do parque. As manifestações dos cristãos contaram com o apoio de carro de som e estavam

previstas para durar uma hora e meia, mas foram interrompidas meia hora depois, por volta das 18h30, devido aos protestos dos representantes da cultura negra (cerca de 30 pessoas), insatisfeitas com o ato. Ao todo, 500 pessoas estiveram no local⁵.

Tal manifestação foi liderada por um líder evangélico da Igreja Ministério Comunidade Cristã, atual Fonte da Vida. Trata-se do Pastor Fábio Sousa, que contou ainda com o apoio e participação de membros de inúmeras outras denominações evangélicas. Os debates e manifestações contrárias à exposição duraram apenas quatro dias, do dia 18 a 21 de novembro, tempo suficiente para que inúmeros artigos e reportagens fossem publicados em jornais da cidade dando notícias do conflito que se instalara em torno das estátuas.

É interessante notarmos como o discurso evangélico sobre este caso passa por dois momentos distintos. Assim que se iniciam a montagem das estátuas, a comunidade evangélica goianiense, lideradas pelo já citado pastor Fábio Sousa inicia sua campanha de combate nos jornais de nossa capital. Segundo uma notícia publicada no jornal *Diário da Manhã*, principal noticiador da contenda:

O pastor disse que os evangélicos estão insatisfeitos com as esculturas por elas representarem deuses do candomblé. “Foi algo imposto. É uma ideia absurda fazer esta exposição perto do Natal”. Por ser o Natal uma festa cristã, Fábio Sousa acredita que deveriam ser expostos presépios e enfeites natalinos⁶.

Neste primeiro momento, o discurso evangélico age de uma forma desordenada, chegando ao ponto de invocar costumes dos quais é declaradamente contra, como a exposição de imagens. O próprio pesquisador Ramos (2007) nos lembra em sua obra do fato de que as religiões evangélicas são conhecidas por seu caráter iconoclasta, ou seja, a de não venerar e até serem contrários ao uso de imagens. Basta recordarmos o caso do “chute na santa”, que aconteceu no Brasil em 1995, no dia 12 de outubro, quando um pastor da Igreja Universal (IURD) chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida em programa transmitido em rede nacional pela Rede Record de Televisão (ALMEIDA, 2007, p. 171).

Assim, inicialmente o pastor apenas afirma que deveriam ser trocadas as imagens dos Orixás por imagens católicas de presépios e enfeites natalinos. Segundo

⁵ Jornal Diário da Manhã de 20/11/2003.

⁶ Jornal Diário da Manhã de 19/11/2003.

Ramos (2007), o motivo desta recomendação, haja vista que os evangélicos sempre tiveram um discurso contrário ao uso de qualquer imagem de cunho religioso, se deve ao que o pesquisador chama de uma “gradação de periculosidade”:

Por que, então, trocar imagens de Orixás por imagens católicas? Porque como já afirmei anteriormente (...), “os evangélicos definem certo tipo de *gradação de periculosidade* a ser aplicada àqueles que não compartilham com sua visão de mundo. Deste modo, um católico seria menos *herético* que um espírita kardecista, o qual por sua vez representa menor perigo ante a presença de um ‘macumbeiro’ reconhecido, seja umbandista ou candomblecista” (RAMOS, 2007, p. 62).

No entanto, tal discurso não surte o efeito desejado. Pelo contrário, vozes em contrário à atitude dos evangélicos se levantam nestes mesmos jornais. As principais delas se aglutinam em torno do catolicismo, do espiritismo, e do próprio governo, que se nega a retirar as estátuas do local como era a vontade dos manifestantes, além é claro das próprias religiões afro, vítimas da ação dos evangélicos, como demonstra reportagem do mesmo jornal:

Monsenhor João Daiber, vigário-geral da Arquidiocese de Goiânia, diz que é preciso haver (sic) o respeito entre as religiões. Ele não vê necessidade de as esculturas serem retiradas do Vaca Brava. “Há exagero, pois os orixás representam uma cultura”. Daiber questiona o motivo dos evangélicos estarem tão incomodados com as esculturas: “E os presépios? Todo Natal há esse tipo de imagem no parque e eles nunca se manifestaram contra”. O presidente da Federação Espírita do Estado de Goiás, Weimar Muniz, também não acha que os orixás devam ser retirados do local. “Temos que respeitar nossos semelhantes, sobretudo no campo religioso, embora pensemos de formas diferentes”, afirma. E acrescenta: “Não se pode esquecer que a liberdade religiosa é garantida pela Constituição Federal. Cada um deverá responder pelos atos ilícitos que praticar.” O sacerdote da Casa Alan Buru (do Candomblé), Elmo Rocha, se diz assustado com o retrocesso histórico em questão. “É alienação racista, com elementos preconceituosos. É uma forma de instigar uma guerra santa”. Ele ressalta o caráter cultural da exposição e a importância de se valorizar a etnia negra. “É muita falta de informação e de cultura por parte dos evangélicos que querem a retirada dos orixás”, revolta-se⁷

Criticados por sua atitude abertamente contrária à exposição, e tendo seus principais argumentos colocados em xeque, a comunidade evangélica muda seu discurso, e passa a invocar o direito à liberdade de uso do espaço público. Agora a tônica da polêmica se volta não para a presença das estátuas, mas sim à ausência de símbolos que representem outras religiões. “A tese dos políticos evangélicos era a de garantia da liberdade de culto, liberdade esta que não havia sido respeitada na medida

⁷ Jornal *Diário da Manhã* de 21/11/2003.

em que se liberava o espaço público do parque para uma religião e não para outra” (RAMOS, 2007, p. 63).

Esta mudança fica claro em texto do apóstolo César Augusto, líder da igreja Ministério Comunidade Cristã, que em sua coluna publicada às quintas-feiras no jornal *Diário da Manhã*, faz uso do espaço para rearticular o discurso evangélico contra a exposição:

(...) Não criticamos de forma alguma as religiões afro-brasileiras que professam culto a estas entidades. O nosso repúdio é contra a discriminação que os católicos, espíritas kardecistas, evangélicos, budistas e islâmicos estão sofrendo de forma indireta com a colocação das estátuas no parque. Um local público não deve ser palco de uma representação cultural que expresse a identidade religiosa de apenas uma parcela de nossa sociedade. Até porque a época é de comemoração da festa mais importante do mundo cristão: o Natal (...) ⁸.

Segundo o texto do pastor, o fato de haver uma exposição que represente a cultura africana e afro-brasileira é uma discriminação com outras formas religiosas pela ausência de representação destas. Trata-se de argumento perigoso, pois ele pode ser reivindicado por outras religiões, como pelas afro-brasileiras, quando vemos representações católicas ou evangélicas em espaços públicos, como é o caso dos crucifixos e quadros religiosos largamente utilizados em repartições públicas, dos próprios presépios citados, expostos pela cidade na época do natal, ou a utilização dos lagos e estádios para a realização de cultos e batizados por parte de evangélicos.

Portanto, tal discurso vem de uma denominação religiosa que quase sempre se utiliza deste mesmo espaço público da forma que bem entende, mas ao ser confrontada pelo mesmo direito sendo exercido por outra denominação religiosa, protesta e adota posição contrária à mesma. Percebemos assim como estas religiões evangélicas buscam afirmar sua territorialidade a partir de seu discurso religioso. Além disto, as estátuas dos Orixás não representavam apenas as religiões afro, mas “indicavam uma realidade muito superior a apenas uma dimensão religiosa, assinalavam o mais alto grau de abstração lógica, como, também, mito-poético alcançada por impérios e comunidades africanas pré-diáspora” (RAMOS, 2007, p. 67).

Esta característica, aliás, é adotada pelo governo goianiense na defesa da permanência das estátuas. Segundo o Secretário Municipal de Cultura da época, Sandro

⁸ Jornal *Diário da Manhã* de 20/11/2003.

di Lima, a exposição tinha um caráter “artístico-cultural, e não religioso”⁹. Assim, mesmo com toda a polêmica e discussão em torno das estátuas, elas permaneceram durante o período previsto, sendo inauguradas no dia 20 de novembro de 2003, Dia Nacional da Consciência Negra, e tendo sido retiradas no dia 08 de janeiro de 2004, permanecendo assim em exposição durante exatos cinquenta dias.

Considerações finais

Ao analisarmos os episódios ocorridos em torno da exposição dos Orixás, é interessante notar como as manifestações de repúdio às estátuas ocorridas em Goiânia foram maiores do que em outras capitais onde as mesmas estátuas também ficaram expostas, surpreendendo até mesmo o próprio artista que as criou, o escultor baiano Tatti Moreno:

Eu tive uma repercussão boa em todas as cidades, mas a repercussão em Goiânia me surpreendeu. Lá tem adeptos da cultura africana, mesmo assim sofremos preconceito por parte dos evangélicos que fizeram uma manifestação com mais de duas mil pessoas e minha exposição ficou marcada como o movimento cultural mais forte de Goiânia. Era primeira página em todos os jornais. Até a prefeitura encomendou uma pesquisa para saber a opinião da população e quase setenta por cento aprovou a exposição. Nas outras cidades houve resistências menores. Em SP uma meia dúzia de crentes ia pra lá (para o Ibirapuera) e ficava exorcizando os orixás¹⁰.

A repercussão negativa em torno da estátua demonstra como o discurso evangélico se organiza para combater as religiões afro-brasileiras. Em sua obra já citada *Orixás, Caboclos e Guias*, que também gerou polêmica e protestos, desta vez por parte de membros das religiões afro-brasileiras, o bispo Edir Macedo demonstra bem qual a visão que os evangélicos têm destas religiões:

No candomblé, oxum, iemanjá e ogum, entre outros demônios, são verdadeiros deuses a quem o adepto oferece trabalhos de sangue para agradar quando alguma coisa não está indo bem ou quando deseja receber algo especial. Na umbanda, os deuses são os orixás, considerados poderosos demais para serem chamados a uma incorporação. Os adeptos preferem chamar os espíritos desencarnados ou espíritos menores, chamados caboclos, preto-velhos, crianças. Na quimbanda, os deuses são exus, adorados e servidos no intuito de alcançar alguma vantagem sobre um inimigo ou alguma coisa imoral, como conquistar a mulher ou marido de alguém ou obter favores por meios ilícitos etc. No Kardecismo e nas demais ramificações espíritas ou espiritualistas, os

⁹ Jornal *Diário da Manhã* de 19/11/2003.

¹⁰ Entrevista com Tatti Moreno, disponível em www.maisbahia.com.br/entrevistavip.asp?codigo=91. Acessado em 05/06/2007.

demônios se apresentam como espíritos evoluídos ou ainda em evolução, que precisam de doutrina (MACEDO, 2004, p. 14-15).

Percebemos pelo texto do pastor que todas as religiões consideradas como “religiões mediúnicas”, por terem como característica principal o fenômeno da incorporação, são vistas por Macedo como demoníacas e, como o demônio é algo a ser combatido, isto justifica toda a perseguição e difamação propagada, não só pela IURD, como por outras denominações evangélicas, como pudemos perceber pelo “Episódio Vaca-Brava”.

Daí vem a necessidade dos cristãos evangélicos em combater as religiões afro-brasileiras, para eles associadas à ação do demônio cristão. Para Ramos (2007), tal postura se constitui numa parte fundamental da identidade evangélica. Os membros desta religião são incentivados a perseguir e trazer para o seu lado o “outro”, aquele que está fora de seu campo religioso, considerado do lado da perdição, e que necessita ser salvo. A missão evangélica é levar a salvação ao resto da humanidade, convencendo o maior número possível de pessoas que a única forma de salvação está na conversão para sua igreja. Assim,

a manifestação de intolerância por parte dos evangélicos se configura como uma manifestação de sua religiosidade própria, não sendo entendida pelo evangélico como um ato execrável de desrespeito, antes, como um mandamento basilar que, de acordo com seu modo de ver, quando efetivado, poderá ser a última chance de salvação para o “perdido pecador” (RAMOS, 2007, p. 57-58).

Desse modo, para a comunidade evangélica, a discriminação às religiões afro-brasileiras representada pelas manifestações contra a exposição dos Orixás no Parque Vaca Brava não constituem um ato de intolerância religiosa, mas sim em sua missão de denunciar e livrar a cidade da ação destes demônios. Este caso ocorrido em Goiânia é apenas mais um entre inúmeros outros casos que vêm acontecendo em todo o país nas últimas décadas.

Segundo Oro (2007), na maioria dos casos as religiões afro-brasileiras não possuem estrutura e união suficientes para revidar. Basta olharmos a primeira notícia que citamos, publicada no jornal Diário da Manhã, que dá conta de que aproximadamente quinhentas pessoas estiveram no Parque Vaca-Brava para a manifestação contra as estátuas, enquanto que apenas trinta pertenciam ao movimento negro e das religiões afro-brasileiras. Podemos dizer então que

a fraca reação [por parte das religiões afro-brasileiras aos ataques neopentecostais] deve-se também ao baixo grau de legitimidade que as religiões afro-brasileiras desfrutam na sociedade nacional e que se manifesta na dificuldade em obter apoios no meio político, jurídico, midiático e religioso, mesmo na atualidade, se comparadas com outras religiões, o catolicismo por exemplo. (...) A inércia está também associada à própria estrutura das religiões afro-brasileiras, organizadas em federações e uma pulverização de terreiros, sendo todos ao mesmo tempo autônomos e rivais entre si, em meio a pequenas e frágeis redes de alianças (ORO, 2007, p. 51).

Neste período, a Federação de Umbanda e Candomblé em Goiás vivia um momento de relativa fragilidade em sua atuação, especialmente em seus últimos anos de existência. Desestruturada, fragilizada e com inúmeros problemas de ordem estrutural e financeiros, a FUEGO não tinha condições de concorrer com a estrutura física e discursiva das igrejas neopentecostais. A IURD, por outro lado, é detentora da terceira maior rede de televisão brasileira, a Rede Record, além de possuir inúmeros jornais e rádios espalhados pelo Brasil, que a auxiliam em sua missão de levar a salvação ao maior número de pessoas possíveis. O controle midiático por parte desta igreja é um de seus pontos fortes, fazendo com que se torne praticamente impossível para as religiões afro-brasileiras fazer frente a este poderio.

Cabe a elas recorrer ao poder público para denunciar os casos de agressão, ou ao apoio de outras religiões em nome de um ecumenismo, como foi o caso da exposição dos Orixás, quando membros das religiões católica e espírita demonstraram apoio às religiões afro na defesa da permanência das estátuas no parque. De qualquer forma, é forte o impacto deste discurso evangélico nas religiões afro-brasileiras, como pudemos perceber na análise do “Episódio Vaca-Brava”.

Não podemos precisar até que ponto vai o impacto deste crescimento neopentecostal na Umbanda e religiões afro. Pelos dados do censo, podemos perceber que o Catolicismo também tem perdido adeptos em números consideráveis, não só as religiões afro-brasileiras. De qualquer forma, o crescimento neopentecostal atinge diretamente a Umbanda de outra forma: pela ação de seus membros, que vêm na Umbanda e religiões afro-brasileiras a personificação do demônio cristão. Tal visão leva muitos deles a agirem da forma como vimos a sociedade evangélica goianiense agir diante da exposição dos Orixás no Parque Vaca-Brava. A consequência destas ações, portanto, se faz sentir de forma cotidiana pelos umbandistas, que se veem sempre na mira do discurso evangélico, que de certa forma ajuda na manutenção do preconceito existente contra esta religião.

REFERÊNCIAS

Fontes

- Entrevista com Sr. Luís Fernandes Salles e Elmo Rocha, realizada em 16/11/06 por Eliesse Scaramal;
- Entrevista com Tatti Moreno, publicada em 18/03/05 no site: www.maisbahia.com.br/entrevistavip.asp?codigo=91. Acessado em 05/06/2007.
- Jornais *Diário da Manhã* de 19/11/2003, 20/11/2003 e 21/11/2003.

Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de. “Dez anos o ‘Chute na Santa’: a intolerância com a diferença”. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (ORG.). *Intolerância religiosa – impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007, p. 171-190.

ALVARENGA, Lenny Francis Campos de. *As Resignificações de Exu dentro da Umbanda*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), UCG, Goiânia, 2006.

GIL FILHO, Sylvio Fausto. *Espaço sagrado – estudos em geografia da religião*. Curitiba: Ibpe, 2008.

HERNANDEZ, Leila Leite. *A África na sala de aula – Visita à História Contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005. Cap. 1 “O Olhar Imperial e a Invenção da África”. (p. 17-44).

ISAIA, Artur César. Macumba de Branco. In *Revista Nossa História*. Ano 3, Nº 6, outubro/2006. Ed. Vera Cruz. (p. 28-32).

_____. O elogio ao progresso na obra dos intelectuais da Umbanda. Retirado de http://www.geocities.com/ail_br/oelogioaoprogressonaobra.htm. Acessado em 24/10/06.

_____. Huxley sobe o morro e desce ao inferno – A Umbanda no Discurso Católico dos anos 50. Retirado de http://www.imaginario.com.br/artigo/a0031_a0060/a0056.shtml. Acessado em 27/10/06.

MACEDO, Edir. *Orixás, caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?* Rio de Janeiro: editora e gráfica Universal, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Umbanda*. São Paulo: Ática, 1986.

MARIANO, Ricardo. Pentecostais em ação: a demonização dos Cultos Afro-Brasileiros. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (ORG.). *Intolerância religiosa – impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007. (p. 119-148).

MELLO, Wandyr Marques de. *O Sagrado no “Sagrado” – Terreiros de Umbanda na “Cidade de Anápolis”*. Monografia (Graduação em Geografia) – Anápolis: UEG, 2006.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. *Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1996.

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. 2º Ed. Bauru: Edusc, 2002.

NOGUEIRA, Léo Carrer. *Umbanda em Goiânia – limites entre religião e magia*. Monografia (Graduação em História). Anápolis: UEG, 2005.

_____. OLIVEIRA, Wellington Cardoso de. *A Construção do Mito Diabólico de Exu – Dos primeiros contatos na África ao discurso inquisitorial da IURD*. Artigo (Especialização), Anápolis: UEG, 2006.

_____. *Umbanda em Goiânia – Das Origens ao Movimento Federativo (1948-2003)*. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: UFG, 2009.

OLIVA, Anderson. As faces de Exu: representações europeias acerca da cosmologia dos orixás na África Ocidental (Séculos XIX e XX). In: *Revista Múltipla*. N. 18, Ano X, Brasília, junho/2005. (p. 9-37).

ORO, Ivo Pedro. *O Outro é o Demônio – uma análise sociológica do fundamentalismo*. São Paulo: Paulus, 1996.

_____. Intolerância religiosa Iurdiana e reações afro no Rio Grande do Sul. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (ORG.). *Intolerância religiosa – impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: EDUSP, 2007. (p. 29-70).

RAMOS, Marcos Paulo de Melo. *A Negativização semântica das religiões de matriz africana a partir do discurso evangélico*. Monografia (Graduação em História), UEG, Anápolis, 2007.

SARACENI, Rubens. *O Livro de Exu – O Mistério Revelado*. São Paulo: Madras, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves Da. Entre a gira de fé e Jesus de Nazaré: relações socioestruturais entre Neopentecostalismo e Religiões Afro-Brasileiras. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). *Intolerância Religiosa – impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro*. São Paulo: Edusp, 2007-b, (p. 191-260).